

RIBALTAS E GAMBIARRAS

REVISTA SEMANAL

REDACTORA
GUOMAR TORREZÃO

1.ª SERIE

LISBOA, 2 DE ABRIL DE 1881

NUMERO 17

GERENTE
HENRIQUE ZEFERINO

Brevemente vamos encetar a publicação em folhetins do ultimo romance posthumo de Georg Sand, ALBINA, para o que obtivemos a indispensavel autorisação. Às pessoas que assignando para a nossa revista desejem receber desde o 1.º numero, compromette-se a Empreza a enviar-lh'os, para o que vae reimprimir pela terceira vez o n.º 1 e pela segunda o n.º 5.

Assigna-se por series de 25 numeros, 500 réis — provincias, 560 réis — Africa, 630 — Brazil, 2\$000 réis. Depois de completar 52 numeros, correspondentes ao anno, a Empreza offerecerá aos seus assignantes uma capa, destinada ao volume.

CHRONICA ALEGRE

Discutir em uma chronica alegre assumptos tristes equivale a psalmodiar o *memento* em um baile de mascarar.

E entretanto, os assumptos tristes impõem-se-me pela logica da necessidade que não encontra outros.

Se eu tentasse agarrar-me ao theatro de S. Carlos, como o naufrago ao madeiro de salvação (estyllo de novella sentimental) e acender a minha prosa monotona no fulgor da festa que estrondeou na sala coberta de flôres e diamantes, resplandecente de mulheres bonitas e de diletantí extasiados — duas cousas que raras vezes se adaptam, a belleza ás mulheres portuguezas e o entusiasmo aos espectadores indigenas — o proprio theatro de S. Carlos fornecer-me-hia em vez do *allegro* vibrante e expressivo de sorrisos como o som do clarim cortando a serenidade azul de uma bella manhã de abril, o *adagio* elegiaco orvalhado de lagrimas.

Porque essa festa que foi a glorificação de um astro que sóbe, traçando como as estrellas cadentes um rastro luminoso, foi tambem para nós o prenuncio de um occaso. E em vista das lacunas que se teem notado, tanto nas cadeiras como nos camarotes, em todas as noutes em que a Borghi-Mamo não canta, e da anemia com tendencia para chlorosi que essas sensiveis lacunas tem produzido nas recitas, é muito de suppor que as despedidas melancolicas que vislumbavam atravez das saudações festivas, na memoravel noute de segunda feira, tenham para nós um praso indeterminado como o célebre adeus de Byron.

É mesmo de esperar que se algum de nós depois de tomar parte no botafóra da grande cantora, voltasse contristado e fosse, para matar saudades, repetir ao sr. Britto as ultimas palavras que dissera á Borghi: — *A rivederci dunque?* — O sr. Britto, esbugalhando os olhinhos de empregario, responderia: — *Non capisco!*

E eis aqui porque o beneficio de Erminia Borghi-Mamo, não obstante ter sido o maior acontecimento theatral que agitou as nossas plateias, não deixou tambem de ter uma fase triste como esses dois lugubres successos que enlutaram a semana — o suicidio de um desgraçado e a morte de um benemerito.

É inutil referir as peripecias melodramaticas que rodeiaram esse suicidio, por isso que ellas passaram logo com extraordinaria rapidez do dominio particular para o dominio publico.

Limitar-me-hei unicamente a lastimar o actor Montedonio que depois de figurar em tantos dramas ficticios viu-se inesperadamente revestido da qualidade de protagonista de um drama real. Se é verdade o que os jornaes contaram com respeito á resolução tomada pela filha do actor Montedonio, de quebrar os laços que a prendiam ao noivo ao revelar-se-lhe a traição com que elle correspondera á confiança e amizade de seu pae, é digna de ser louvada e admirada essa corajosa menina que aos 17 annos soube mandar calar o coração e escutar as advertencias do bom senso.

Já não existe o Peixoto da *Ilha das Flores!*

Era sob esta designação que Lisboa conhecia esse homem que destructou a melhor de todas as popularidades, aquella que reverte em beneficio da pobreza. Quando elle passava, andando apressadamente, com o chapeo ligeiramente caído para traz, comprimentando meio mundo, e indo ora para as Côrtes pedir uma doka para a Ilha, ora para o funileiro sollicitar uma panella para o hospital, ora para o theatro organizar um beneficio, ora para os Recreios, na epocha das diversões ao ar livre, collocar uma bandejinha junto de uma vela accesa e pedir esmola para os insulanos, seus patricios, como os rapazes pedem para o Santo Antonio, algumas pessoas riam-se, pretendendo ridicularisal-o com o desdem deprimente de uma certa gentinha que hyberna eternamente, immobilisada no egoismo como a lagarta no casulo.

O bom Peixoto tinha para essa critica, idiota e rotineira, a philosophia tolerante de um homem de coração.

Chegava mesmo a admitir a troca, o unico recurso dos ignorantes, que o despeito dos invejosos applaude e estimula, com tanto que lh'a pagassem á vista em esmolas para a Ilha das Flores.

Muito lhe deveu essa Ilha, os doentes que elle soccorria, os pobres a quem matava a fome, as crianças que mandava educar. Depois de lhe dedicar grande parte da vida, Peixoto legou-lhe a sua fortuna.

Pela mais inexplicavel e inverosimil das coincidencias, o deputado eleito pela Ilha das Flores não acompanhou ao cemiterio os despojos mortaes d'esse homem virtuoso, que deixa uma memoria honrada e inextinguivel. Em compensação baixaram de certo com elle á cova as bençãos e as lagrimas das viúvas e dos orphãos, — as martyres e os anjos.

G. T.

Ao pasqueiro do «Seculo», vulgo Alexandre da Conceição

A redacção das «Ribaltas e Gambiarras» vota ao mais completo e absoluto desprezo o sr. Conceição, as suas cartas, os seus desforços, as suas injurias de ricochete. Ella não tem o mais pequenino contacto nem a mais leve relação affectiva ou acrimoniosa com semelhante homem. Não o conhece nem precisa saber se elle existe.

Poz e põe o seu semanario á disposição do sr. Camillo Castello Branco para a inserção das respostas aos artigos do sr. Conceição; nada mais.

Se o não fizesse, fal-o-ia qualquer collega.

Só um espirito obtuso ou um cerebro demente é que não percebe isto.

O correctivo correspondente aos desmandos d'este ferrabraz da letra redonda, encarrega-se de infingil-o a sentença fulminadora da opinião publica.

Escusa de insistir e de exorbitar, nos derivativos do «virus» que lhe empeçonha a alma. Perde o seu tempo e o seu latim, porque, já lh'o dissémos e aqui o repetimos, não o tomamos a sério nem lhe responderemos, faça o que fizer e diga o que disser.

O sr. Conceição está julgado.

É inutil e absurdo perder cera com ruins defuntos.

A REDACÇÃO.

QUESTÃO LITTERARIA

Camillo Castello Branco e a «Corja»

IV

N'um intervallo de cruciantes magoas, abre um sorriso de Voltaire com liga de sandeu o meu Conceição perdido. Lardeia de chalaças, d'aquella fina pilheria tão sua, os conegos, a lingua por-

tugueza e «os asnos que tem foros de genio» mercê do estylo, na terra estremeçada de todos nós. Refere-se com dó e tédio ao *Priorado de Cedofeita* do conego Alves Mendes. Que o livro lhe appareceu entre a «Philosophia Positiva» (Revista de) e o Topinard: «Sobre a minha meza de trabalho cheia de livros impios e de publicações mundanas, acaba de me depôr o correio, entre a *Anthropologie* de Topinard e o ultimo numero da revista *Philosophie Positive*, este curioso livro do sr. Alves Mendes, abarrotado de erudição canonica, preñhe de doçuras seraphicas de estylo e ancho de citações do concilio de Trento.»

Muito desastrado o livro do illustre conego! Cumpria-lhe, em face do pedante, esquivar-se á remessa entre Topinard e os positivistas; evitar o momento psychologico do rizo *voltaireano* (com liga); escolher uma hora triste: aguardar a remessa de um dos *brindes* de Camillo e surprender o Voltaire (com liga) em flagrante applicação de compressas aos sovados lombos impiedozos. Então seria o distrair-o — o pobre diabo — das *amarguras physicas e moraes*: esfregar-lhe de manso o nariz com o *jus constitutum* e esquecer-lhe a mioleira a pancadinhas subtis no occipicio, com o *jus constituendum*; applicar-lhe pansadinhas com o *Thesaurus Resolutionum S. C. Concilii*: e se elle ainda assim indicasse, com grandes gestos desolados, as marcas do estadulho nos arrebatados coiros, — então que o *Priorado de Cedofeita* lhe introduzisse pelas ventas dilatadas o Scarfontonius e o De-Bouix, e tel-o-hia ás ordens consoladinho e fresco, expurgado de impiedades, menos *voltaire* e mais sandeu (*insanus; apud Covarrubias*). Aqui vae bem a pitada...

E seja-me permitido um voto de censura, que não exclue o mais profundo respeito, ao sr. conego Alves Mendes. — Pois o eminente orador sagrado, o escriptor distinctissimo que assignalou no seu livro *Italia* os recursos litterarios que lhe dão fóros de notabilidade, não terá seguido em crescente pasmo as demonstrações da ignorancia e da grosseria do insultador do seu trabalho? Ou pretenderá o illustre polemista applicar a seu turno umas ventozas ao desgraçado pedante escalavrado e será a offerta do livro uma armadilha ao insensato? Ah! se tal projecto insecticida germinou cruel no espirito do sr. Alves Mendes, eu faço votos porque um raio de luz piedosa destrua esse projecto. A caridade christã é o mais doce attributo de um homem da religião: que o sr. Alves Mendes *lhe* perdoe!...

No vomito que o sr. A. da Conceição depõe (no *Seculo*) aos pés do conego Alves Mendes, ha a seguinte mixordia:

FOLHETIM

A PRINCEZA DE BAGDAD

DRAMA EM 3 ACTOS DE ALEXANDRE DUMAS, FILHO

Representado pela primeira vez no Theatro Francez,
a 31 de janeiro de 1881

ACTO III

SCENA IV

LIONNETTE, NOURVADY, depois RAUL

Lionnette

O sr. parece perturbado.

Nourvady

Por sua causa.

Lionnette

Julgava-o incapaz de perturbar-se. Foi a scena de ha pouco que o agitou.

Nourvady

Em primeiro logar...

«Todo o livro está escripto com uma embofia classica e com umas pretensões puristas, que suscitam muitas vezes no leitor a vontade de dançar os periodos.»

Encerram crueis revelações estas quatro linhas miseraveis. O livro está escripto em portuguez: d'ahi a colera do desgraçado que eu traduzo a custo. A prosa grammatical, vernacula, reveladora dos mais poderozos dotes litterarios faz dançar o sr. A. da Conceição. Sempre me pareceu que elle dançava ao ler a prosa de Camillo. Deus me dê primores vernaculos, que eu protesto inaugurar na Figueira da Foz um bailado permanente do sr. Conceição com o seu gallego facinoroso representativo.

Mais tres linhas e, depois, — a ordem do dia.

Dá um conselho grave ao sr. conego Alves Mendes o critico azaranzado: «Que norteie o seu espirito por modernos ideaes litterarios.» Sim, quando o sr. conego Alves Mendes houver de occupar-se no *Priorado de Cedofeita*, norteie-se pelos ideaes de Conceição: injurias em vasconço, ignorancia em barda, calão, e a promessa do gallego representativo. Mas, ah! prefigura-se-me que o illustre orador sagrado tem na alma um grande nojo de tantissimas parovellas do seu critico. Eu, mais affeito á contemplação de terras mixordias, sinto um dó profundo; dá-me a gana de brindar o homem com um silencio misericordioso; mas — cumpra-se o Destino!

Entrando na ordem do dia... ha um folhetim sizudo, doutrinario, do sr. A. da Conceição, que pede reviramento ao meu estylo rizonho-caridozo. Consta do n.º 50 do *Seculo* (redactor Magalhães Lima: vid. o cabeçalho). Preoccupa-se nos estylos e vem gravido de considerações, bicudas como o espirito do sr. Brito Aranha, um abyssinio da rua dos Calafates. O redactor (vid. o cabeçalho) chamou á coisa — um brilhante folhetim. Elle, o Plutarcho de Conceição, tem luzincus empoleirados no nariz; tudo brilha lá da mansarda escura d'aquelle cerebro. Que o destino crudelissimo lhe não esborache a um tempo luzincus e nariz para eternal escuridade deploravel!...

Voltando ao critico:

Sentencia os estylos — o palheiro. Silencio nas galerias!

«Mas temos estylo.

«E então o estylo dá-nos em sciencia o bacharel, no professorado do douctor, em administração publica as portarias palavrosas, na politica os salvadores baratos, no parlamento os discursadores ocos,

Lionnette

O facto é que deve sentir-se humilhado em vista da maneira como o commissario entrou! E os milhões nada conseguiram! Mas eu estou perfectamente tranquilla. Ainda me ama?

Nourvady

Duvida?

Lionnette

Quem sabe? O coração muda tão depressa; bem vê, esta manhã, eu não o amava; ainda não são cinco horas e já o amo. (*Chama duas vezes com violencia.*)

Nourvady

V. Ex.^a está febril.

Lionnette

Isto ha de passar. (*Á criada de quarto que entrou.*)

A minha capa o o meu chapco.

Nourvady

Seu marido está em casa?

Lionnette

Está.

Nourvady

Viu-o?

os relatorios altisonantes, a legislação theorica, as reformas inscientes e estereis, os discursadores de estreia, os mancebos esperançosos e a corrupção eleitoral.

«Na litteratura dá-nos os folhetinistas lyricos, os romancistas sentimentaes, os localistas pelintras e os vates incomprehendidos e vadios. Na arte dá-nos Delguim Fedes (hajulação ao Antonio Maria), na critica o elogio mutuo ou o consagrado *recebemos e agradecemos.*»

O negregado estylo! E afinal é tudo uma injustiça.—«O estylo dá-nos no professorado o doutor.» Mas ahí está no professorado o doutor Theophilo Braga que nunca teve estylo!—«No parlamento dá-nos os discursadores óccos.» Mas o sr. Arrobas tem tanto de estylista como o dr. Theophilo! «Dá-nos os mancebos esperançosos.» Mas os esperançosos idiotas, perdão... os esperançosos mancebos que espojam os coiros na arena do noticiario facil sabem tanto de estylo como o sr. Arrobas!—E a corrupção eleitoral? Essa é a rezultante da degradação moral.—E os localistas pelintras? Perguntem-n'o aos mancebos do noticiario.—E o elogio mutuo? Digam do caso os pelintras localistas e uns sabios geographos que desbasteram a cascaria na sombra de Castilho.—E o *recebemos e agradecemos?* Mas isso é a formula do noticiarista pulha que a emprega alternadamente com o silencio,—ou com um coice, quando não se tracta d'um vulto da Cafraria. Esses patetas sabem tanto de estylo como eu sei de litteratura chinesa.

Mas o cruel Conceição diz:

«É contra esta crosta de parvoice monastica e de imbecilidade jesuitica, é contra esta enorme pressão de tres seculos de estylo que começa a reagir a ala gloriosa dos dissidentes. É contra este inimigo secular do nosso desenvolvimento intellectual que reage Eça de Queiroz como romancista, Bento Moreno como litterato, Ramalho Ortigão como critico, Oliveira Martins como historiador e como economista, Rodrigues de Freitas como deputado e como publicista, Anthero do Quental e Guerra Junqueiro como poetas, Bortallo Pinheiro como propagandista, Guilherme de Azevedo como folhetinista, Julio de Mattos, Augusto Rocha, Manuel Garcia, Correia Barata, como homens de sciencia, Theophilo Braga, como litterato, como critico, como philosopho, como professor, como publicista, como democrata, e tantos outros espiritos illustres e disciplinados cuja enumeração felizmente já seria longa.»

Ah! como *elle* delira! Desgraçada lista bernarda! Não: elle,

não são estylistas—os indicados! Quem o é, pois?—Será *elle*, solitario e delirante lá na acolheita dos positivistas de refugio? Eça de Queiroz!... Mas esse homem é o primeiro estylista da geração nova; Anthero de Quental, Guerra Junqueiro, Correia Barata (veja a apologia de Herculano, no *Seculo* de Coimbra)—estylistas, todos elles. O sr. Oliveira Martins, que durante o primeiro periodo da sua vida litteraria, afugentara o interesse dos leitores, mercê funesta do *mau estylo*, vingou finalmente emancipar-se: os recentes livros historicos d'aquelle escriptor são uma prova decisiva do seu triumpho.

Lá fora: o inflexivel Taine é um estylista, Renan, Hugo—aquelle Hugo que deu, ha poucos dias, o goso das lagrimas ao sr. A. da Conceição (vid. o *Seculo* n.º 50), Proudhon, e a legião dos romancistas eminentes—Balzac, Flaubert, Daudet, Zola—estylistas soberanos... mas *elle* irrita-se contra a minha myopia:—não descortino a sua ideia, o seu intuito... Vejamos:

O que *elle* condemna é o predominio do estylo sobre a ideia; é o abuso da forma: será isto? E aos olhos d'*elle*, ha em Portugal um *partido* que reage em nome do estylo contra as ideias. Eu não vejo os partidarios, por mais que os procure. Se tal cambada existe, o lugar d'ella não é na arena das discussões: é á beira da outra—uma cambada que não tem estylo, nem ideias, e que tem *pose* á meza do botequim—convertida em manjadoura de cretinos.

E todavia *elle* descobriu a tal sucia—a do *estylo*. Reconheceu-lhe os fóros de obstruccionista e synthetizou-a n'um chefe: e que chefe?—Camillo Castello Branco: um homem que elle admira em segredo, um homem a quem Bento Moreno—o puro representante de Zola—dedicou a sua *Comedia no Campo* e Theophilo Braga um dos seus *contos*, o homem de quem Ramalho Ortigão—idolo dos modernissimos—disse as seguintes palavras que eu cito novamente:

«O segredo da pasmosa fecundidade do sr. Camillo Castello Branco, com ser este talvez o mais imaginoso dos escriptores portuguezes, não está ainda assim na facilidade com que observa. O que determina a avidéz com que todas as obras d'este admiravel romancista são lidas e relidas não é a trama geral da acção, mas sim, sob o prestigio da mais deliciosa linguagem, o perfectissimo «côrte dos caracteres e a inexcédível pintura dos costumes.»

Feroz, *elle* diz, com applauso do parvalhão do *Seculo*:

«Como romancista, Camillo Castello Branco... convertendo a

Não...
Lionnette
Nourvady
Entretanto foi para a vêr que elle voltou.
Lionnette
Tanto como eu voltei para o vêr a elle. Habitamos aqui, partimos ambos, cada um para seu lado, viemos buscar o que nos pertence. É evidente que tanto elle como eu desejaríamos estar, no momento actual, em qualquer outro sitio. O sr. é que não deveria estar aqui; mas, desde esta manhã, é curioso, achamo-nos todos onde não deveríamos estar. (*A criada de quarto que volta*). Bem, deixe isso ahí. (*A criada põe sobre uma cadeira uma capa de viagem, um chapéo e umas luvas, e sae.*)
Nourvady
Voltei a sua casa, esperando ahí enconral-a. Ausentara-se; sopuz que se dirigira para aqui. O criado que me annunciou e que evidentemente ignora o que se passou.
Lionnette
Todos ignoram, excepto os interessados.
Nourvady
O criado perguntou se queria que me annunciasse ao senhor ou á senhora. Foi assim que eu soube que seu marido estava na mesma casa com V. Ex.^a. Senti impulsos de lhe dizer que me annunciasse ao senhor.

Lionnette
Para que? O que é que poderia dizer-lhe na actual conjuntura?
Nourvady
Seu marido veio procural-a a minha casa; eu venho buscal-a a casa d'elle. V. Ex.^a é senhora, não comprehende certas injurias.
Lionnette
Parece-lhe?
Nourvady
Esse homem forçou a minha porta; arroubou-a. Não contente, insultou-a diante de mim, de mim que a amo.
Lionnette
Acrescente que tambem elle me ama, é a sua justificação.
Nourvady
Defende-o?
Lionnette
(*Pondo o chapéo, a capa e as luvas*). Oh! Deus, não! Em todo o caso, o que é que lhe diria se se tivesse feito anunciar, admitindo que elle o recebesse; o que eu duvido depois do que se passou.
Nourvady
Se recusasse receber-me, seguiria o seu exemplo, arrombaria a porta...

produção litteraria n'um artificio de escola e afastando-a totalmente das sympathias e da collaboração popular, tornou sympathico em muitos dos seus romances e nos seus pequenos trabalhos dramaticos o adulterio das esposas sentimentaes e lyricas victimadas á boçalidade dos respectivos maridos... »

Se afastou das sympathias populares a produção litteraria, como foi que tornou sympathicos os episodios das produções ?

E d'ahi, qual dos *typos* é por *elle* absolvido : — a mulher sacrificada pelos paes á boçalidade do brasileiro ricoço, ou o brasileiro ricoço, que amarrou a pobre mulher, de cumplicidade com os paes, ás suas enfermidades, á sua boçalidade, aos seus ridiculos e, por vezes, ás suas *aberrações* ?

Eu hei de fornecer, um dia, ao meu Conceição, um *specimen* de benemerito repatriado, de tal casta que as sympathias d'*elle* hão de ceder o passo a uns laivos de reflexão, — em que peze ás verbas com que o homem ampara as viúvas e abre lanços de estrada no torrão patrio... »

Apostolado do adulterio não vejo nos livros do sr. Camillo : o que vejo, em que peze ao detractor ignorante, é a indicação do *conflicto* que diariamente se estabelece e que produz, ouvidas as duas partes, um problema social. E não é moderno, nem scientifico, nem humanitario aggreir *a desgraçada* (estyllo de Pigault-Lebrun) e derramar lagrimas sobre o setimo sacramento profanado e sobre a bestafera que cobriu de moedas de ouro — bem ou mal ganhas — os joanetes e as outras deformidades na hora em que se dirigiu ao mercado de esposas submissas e respeitadoras.

N'este ponto, eu remetto ao cidadão Naquet as allegações do barão de S. Cucufate, nas ultimas paginas da *Corja*, e peço-lhe que as ajunte ao processo. Ahi as tem :

«Um homem rico que compra, com os effeitos legaes do setimo sacramento, o corpo de uma senhora pobre, desconhece que esse corpo vendido tem um contrapeso venenoso que se chama o coração. Esse contrapeso é o que faz depois os desequilibrios. Se a mulher vendida ao luxo e ás invejas sociaes tem a rara virtude de devorar em si a peçonha do coração, o marido está salvo da deshonra ; porém, se ella é vulgar e succumbe ás tentações que as mesmas pompas lhe facilitam, é o marido quem traga o amargor d'esse veneno que comprou como contrapeso. Minha mulher está no caso das segundas, das vulgares. Ella era pobre e tinha dezoito annos ; eu era rico e tinha cincoenta. Propuz-lhe a compra, vendeu-se ; não

Lionnette

Prohibo-lhe que o provoque... Se eu enviuvasse por sua causa... ou se elle o matasse, o senhor não poderia desposar-me... e se, um dia, lograssemos legitimar a situação falsa que vamos crear, eu seria tão feliz!... Entreguemo-nos á Providencia, como dizia minha mãe. Estou prompta, partamos! (*No momento em que Lionnette se volta para sair, Raul entra e atira-se-lhe ás pernas, abraçando-lhe os joelhos!*)

Raul

Mamã!

Lionnette

(*Surprehendida e perturbada*) Ah! és tu! fizeste-me medo!

Raul

Beija-me.

Lionnette

(*Beijando-o friamente*). Então hoje queres beijar-me! (*Com um suspiro*) É um pouco tarde!

Raul

Onde vaes?

Lionnette

Vou sahir.

Raul

Quando voltas?

Lionnette

Não sei.

póde resgatar-se ; vingá-se, sem querer talvez vingar-se — é uma desgraçada... »

É preciso concluir. Eu não posso quedar-me, em perenne oração funebre, á beira do cadaver inseulto de um pedante naufragado com as babozeiras insultuosas nos baixios dos pronomes e da troça publica. O sr. da Conceição — naufrago — morreu impenitente, estrangulado por todas as ignorancias que o seu pedantismo abrigava. O infeliz desconheceu até a casta de mariolas que o applaudiam : uns — velhacos até á nausea ; outros — parvos até ao vomito. É esta a dupla corja que bate palmas a todos os mediocres na hora em que elles derivam á petulancia inevitavel. Ahi fica uma lição cruel para os Conceições futuros. A idéa nova não perdeu na refrega, porque não é solidaria com os pumilhões malevolos que á sua beira alevantam a réles tenda, — uns lidadores que conquistaram as suas esporas na Feira da Ladra dos Quichotes tropegos.

28 de março.

SILVA PINTO.

ATRAVEZ DO BINOCULO

Theatro de D. Maria II

SARA, drama em 4 actos, original de Fernando Caldeira. — FLÓ-FLÓ, comedia em 1 acto, original de Fernando Caldeira.

A *Sara*, de Fernando Caldeira, que acaba de subir á scena em beneficio da actriz Virginia, é um drama intimo, um quadro de *ménage* onde, como nas telas hollandezas, se respira uma doce atmosfera pacificadora e embalsamada, entrevedo-se o bom ceo azul e calmo atravez da janella que rasga para o horizonte, como que fixando-o na moldura dos caixilhos. D'esse quadro intimo delineado com extrema delicadeza, com uns toques finissimos que só podem sair da penna de um poeta, desaggregam-se como outras tantas pinceladas que mais accentuam as côres do primeiro plano, uma serie de esbocetos magistralmente desenhados, funcionando perfeitamente coherentes com a ordem de idéas que exprimem e com as feições moraes que accentuam.

Alguns d'esses esbocetos, embora só de relance figurem, como

Raul

Hoje?

Lionnette

Hoje.

Raul

Levas-me?

Lionnette

É impossivel.

Raul

Porque? O dia está tão bonito!

Lionnette

Vou muito longe. Mandar-te-hei bolos e bonecos, tranquillisa-te.

Raul

Prefiro ir contigo.

Lionnette

Já te disse que é impossivel. Vamos, deixa-me passar.

Raul

Não.

Lionnette

É indispensavel, meu filho.

Nourvady

(*Muito agitado e impaciente durante esta scena, passeia de um*

o do velho Anselmo, o servo fiel que exagera a dedicação até ao crime, imprimem contudo na mente do espectador a synthese do pensamento que brotou na phantasia do autor.

Entre todas as figuras, porém, que pertencem ao segundo plano e que recebem dos principaes personagens o sopro de vida que as anima e a deducção a que obedecem, como elos de uma cadeia e resultantes de um facto, nenhuma tem o vigor, a linha pittoresca e o colorido da psychologia moderna no theatro, que é a reprodução afomoseada do naturalismo no romance, como a do maioral. O personagem do maioral accusa um estudo realista pacientemente colhido em pleno campo e com o modelo á vista e admiravelmente executado. Esse modelo felicissimo, depois de achar em Fernando Caldeira um pintor impressionista, de uma larga inspiração intuitiva e de um bucolismo cheio de frescura, achou no talento de Joaquim de Almeida o relevo de uma interpretação primorosa.

Na Sara não se encontram as grandes paixões shakespeareanas que agitam convulsivamente a alma do auditorio. A Sara é, como já dissemos, um drama intimo, deslisando na quietação do meio provinciano e na obscuridade do lar campesino. Em compensação, porém, da ausencia dos grandes effeitos theatraes, transições violentas e lutas tempestuosas, encadeiam-se n'esta peça formosissima, enlaçam-se e ferem por vezes no attrito as azas brancas e castissimas, os mais exquisitos e sublimados sentimentos, as mais puras idealidades que podem encher um coração de homem e alumiar um espirito de poeta.

O terceiro acto, exceptuando a prisão precipitada de D. Pedro Telles, corollario do desfecho forçado e inverosimil do segundo acto, em que o fidalgo, sem discriminar perante o criterio da sua consciencia a supposta culpabilidade do filho estremecido, cujo passado impoluto garantia a impossibilidade da connivencia em crime de tal natureza, acceita, para o salvar, a imputação de falsificador de um testamento, é um acto adoravel, resaltando do dialogo, profundamente dramático, entre o pae e os filhos, pensamentos delicadissimos e sentimentos tocados com as tintas ideaes do amor immaculado e ethereo como o sonho de uma virgem.

Este terceiro acto faria a reputação de Fernando Caldeira se a *Mantilha de renda* e o *Sapatinho de setim* o não tivessem collocado já a par dos nossos primeiros dramaturgos.

«De todas as formas da arte, dizia Rebello da Silva, a mais ariscada é o drama.»

Premiar por conseguinte o trabalho, infelizmente pouco fecundo, dos escriptores que em Portugal cultivam este genero perigoso e

lado para o outro, observando se alguém se aproxima). Parece-me que vem gente.

Lionnette

(Um pouco menos affectuosa.) Vamos, deixa-me!

Raul

Não. (Colloca-se diante de sua mãe.)

Nourvady

(Travando do braço da criança dá-lhe um empurrão.) Deixanos!

(A criança gyra no ar, caie e fica sem movimento. Lionnette pára, contempla com espanto o que se passou, recua, aperta a cabeça com as mãos, lança um grito dilacerante e precipita-se sobre Nourvady, apertando-lhe a garganta, como para o estrangular.)

Lionnette

Miseravel! Miseravel!

Nourvady

(Prostrado, não querendo defender-se e com voz extincta.) Olhe que me magoa.

Lionnette

(Largando-o.) Saia! Saia! Senão estrangulo-o, mato-o! Meu filho! Meu filho! (Lança gritos afflictivos e atira-se desvairada sobre o corpo do filho.)

difficilimo, embora esse trabalho não signifique concretamente uma obra prima, e animal-os a aperfeçoal-o em futuras tentativas, é, quanto a nós, o dever da critica.

Resta-nos fallar do desempenho que, como ordinariamente succede em relação aos actores do theatro de D. Maria, é irreprehen-sivel.

Cabe a primeira menção a João Rosa que fez do personagem de D. Pedro Telles, um verdadeiro fidalgo, brioso e honestissimo, uma criação magistral.

O monologo do 2.º acto, um trabalho de grandes e complexas exigencias, cheio de transições e de cambiantes, subordinadas todavia ao temperamento caracteristico d'esse homem simultaneamente exaltado e frio, expansivo e reservado, recitou-o o grande actor admiravelmente!

Virginia identificou-se completamente com o vulto gracioso e poetico de Sara e revestiu-o de todos os prestigios do seu bello talento e deu-lhe todas as perolas da sua voz melodiosa.

Augusto Rosa deu uma interpretação profundamente sentida e elevada ao personagem de D. Pedro Telles, filho.

Joaquim de Almeida fez, como já indicámos, um trabalho perfeito.

Emilia dos Anjos, em papel inferior ao seu merito, Emilia Candida, Pinto de Campos, Baptista Machado, e Antunes representaram primorosamente.

Fechou o espectáculo uma engraçadissima comedia em um acto, *Fló-fló*, em que o talento de Fernando Caldeira se revelou sob um novo aspecto humoristico. Joaquim de Almeida que nos dera na Sara dois perfis dramaticos completos, deu-nos em *Fló-fló* um typo comico chistosissimo. Os restantes papeis fôram desempenhados por Emilia dos Anjos, Virginia, Augusto Rosa e Antunes.

*

* *

Theatro do Principe Real

O DEMONIO NEGRO, *drama maritimo de grande espectáculo em 5 actos, original de Sousa Bastos.*

Em um paiz onde a litteratura dramatica é tão escassa, ou por falta de estimulo que a anime ou por falta de inventiva que a sustente, é por todos os modos digno de louvor um escriptor que des-

Ricardo

(Que entrou durante esta scena, a Nourvady.) Parta, senhor, parta em nome do céu! Basta de desgraças. (Obriga Nourvady a sair.)

Raul

(Levantando a cabeça.) Não tenho nada... mamã... não tenho nada, asseguro-te.

(Lionnette, de joelhos, aperta a cabeça de Raul ao peito e beija-a freneticamente, suffocada em soluços.)

Ricardo

(Abeirando-se de Lionnette.) Salva! está salva!

Lionnette

(Rompendo em soluços nervosos e accentuando cada palavra.) Sim, sim, sim, salva! (A Ricardo.) Ah! eu estava doida... completamente doida!... Mas quando esse homem levantou a mão contra o meu filho, é espantoso o que se passou em mim! Não sei como não o matei. O que é um homem que luta com uma mãe? Porque eu sou mãe!... Oh! eu bem sentia no fundo do meu ser que era impossivel. Ricardo, o senhor adivinhou. As pessoas honestas advinham!... Elles querem as cartas de meu pae, pois bem, obtelas-hão, venda tudo, pague, reembolse aquelle homem. Tudo se explicará. Vá buscar meu marido. (Ricardo sae.) Quero vel-o antes de morrer, porque vou morrer, bem o sinto. (Deixa cair a cabeça nas costas do sofá e perde quasi completamente os sentidos.)

tacando a sua individualidade da indolencia ou da esterilidade que paralisam tantas outras, produz com uma facilidade extraordinaria e uma fecundidade assombrosa. Referimo-nos a Sousa Bastos.

Conhecemos poucos espiritos tão emprehendedores e laboriosos como o d'este excellente rapaz. É uma indole feita para o trabalho e para a lucta, para as alternativas, nem sempre extremamente risnhas, do theatro. Nada descorçoa nem entibia a sua actividade infatigavel, a perseverança com que elle tem conseguido fazer carreira e crear nome no genero mais difficil e perigoso — o theatro. Se Sousa Bastos tivesse nascido em Paris em vez de nascer n'este burgo da Europa, que em compensação de uns bellos sorrisos luminosos e quentes provenientes de um esplendido ceo meridional — deleite dos ricos e dos poetas — tem para os pobres que trabalham, pedindo á arte não só um lampejo do seu diadema, como a retribuição material indispensavel á misera existencia quotidiana, a mais fria de todas as indifferenças, teria adquirido uma fortuna.

Não quer isto dizer que as peças de Sousa Bastos, que formam já hoje um repertorio vastissimo, sejam isentas de defeitos.

Algumas nem mesmo resistiriam a acção da critica se acaso ella devesse munir-se da férula cathedratice em relação a um genero de composições de occasião, destinadas a um publico especial, participando do meio em que se formaram e das exigencias a que obedecem.

Entretanto, nenhuma d'essas peças, rapidamente escriptas, com uma facilidade pasmosa, deixam de revelar não só a inventiva engenhosa do auctor como o conhecimento profundo e atilado que elle possui e um subido gráu dos effeitos do theatro e de todo o seu complicado mechanismo.

O Demonio Negro, actualmente em scena no Principe Real, é uma nova afirmativa do que deixamos dito.

Propõe-se elle combater a escravatura, essa *pieuvre* que ha muito devorava o organismo robusto e exuberante de seiva da America e que acaba de morrer prostrada pelos pulsos valentes e generosos de Rio Branco e Nabuco, e combate-a eloquentemente por meio de uma acção cheia de interesse e matizada de episodios commoventes.

O quadro dos gentios, a abordagem que remata com um bello effeito patriotico, o incendio da feitoria, o naufragio do vapor *Mondego* estão habilmente delineados e alcançam todas as noutes um grande exito.

Sousa Bastos que possui, como já dissemos, uma imaginação inexgotavel, lembrou-se de aproveitar n'este drama, que elle dedi-

cou ao deputado Nabuco, o elemento preto, mas o preto authentico, que não deve nada ao sr. Cambournac nem tem o menor ponto de contacto como a cortiça queimada dos negros fingidos da *Africana*.

Estes pretos, que ignoramos se vierem directamente do Congo ou do bairro de Santa Isabel, dançam o batuque, um batuque legitimamente africano, que levanta uma trovoadá de applausos.

O desempenho do novo drama de Sousa Bastos pareceu-nos consciencioso, distinguindo-se Costa, que interpretou com verdadeiro sentimento dramatico o papel do protagonista, Brandão que desenha bem a linha sympathica do seu personagem. Pereira, Torres e Almeida que fez algumas scenas com muita graça. Elvira disse com expressão vehemente e pathetica uma bonita phrase do 3.º acto em que pede ao pae que respeite no preto a memoria da mãe. Pepa, Luiza Candida e Margarida Lopes interpretaram com propriedade os seus papeis, distinguindo-se a primeira na execução graciosissima de um tango.

Sousa Bastos parte em breve para o Brazil onde vai fazer representar o seu repertorio e onde o esperam de certo as mais festivas demonstrações de apreço e sympathia.

G. T.

BIBLIOGRAPHIA

Recebemos os tres primeiros volumes distribuidos, pertencentes á *Bibliotheca do Povo e das escolas*, editada pelo sr. David Corazzi. Trata o primeiro da *Historia de Portugal*, o segundo da *Geographia* geral e o terceiro da *Mythologia*.

Cada um d'estes valiosos livrinhos, de 64 paginas, custam a modica quantia de 30 réis. Em um paiz pobre onde é manifesto o atrazo da instrucção publica, cuja população é de maioria analfabeta, são incalculaveis os beneficios resultantes de uma publicação destinada a vulgarisar as noções elementares da instrucção, principiando por collocar-as ao alcance de todas as bolsas. E tanto assim é que sendo a edição do primeiro volume de 6:000 exemplares, atingiu logo na primeira quinzena á tiragem de 12:000.

*
* *

Raul

(*Subindo ao sofá, agarra a cabeça da mãe e cobrea-a de beijos*).
Mamá, mamã, mamã... não morras, supplico-te.

Lionnette

(*Recobrando os sentidos*). Não, não, viverei visto que te amo!
(*Devora o filho com beijos e não vê João que volta com Ricardo, que lhe indica o grupo. João recua, não comprehendendo ainda. Godler e Trévelé observam e approximam-se de João, que não pôde apartar os olhos da mãe e do filho. Ricardo toca no hombro de Lionnette que se volta e vê João.*)

SCENA V

LIONNETTE, JOÃO, RAUL, RICARDO, GODLER e TRÉVELÉ

Lionnette

(*A João, correndo para elle e caindo de joelhos*). Não me abandones. Explicar-te-hei tudo. Comprehendo, vejo tudo claro! Sou innocente, juro-te! juro-te! juro-te! Viveremos modestamente em um canto da terra, onde tu quizeres. Que me importa isso agora que o meu filho me deu uma alma! (*Estreita a criança nos braços*.)

João

(*Nos braços de Godler e Trévelé*). Meus amigos, meus amigos, eu endoideço!

Godler

Pôde jactar-se de possuir uma verdadeira mulher!

Trévelé

(*Impellido-o*). Vá beijar-lhe os pés!

(*Lionnete está assentada no sofá, tendo a cabeça de seu filho nos joelhos e deitando a cabeça para traz em uma attitude de cansaço e bem estar. João deita-se-lhe aos pés e beija-lhe a mão que ella tem livre. Lionnette estende a outra mão a Ricardo.*)

Lionnette

(*A Ricardo*). Era tempo.

Ricardo

Sim. Um grito da criança! Bastou isso. Quando tudo parece perdido, Deus dispõe ainda d'estes meios.

João

Creio-te e amo-te.

Lionnette

(*Com um longo suspiro de jubilo*). Ah! Como sou feliz!

Godler

(*Limpando os olhos*). É estúpido, na minha idade!

Trévelé

(*Limpando os olhos a Godler, e escondendo assim a sua commoção*). Esconda o rastilho.

FIM

Trad. de G. T.

Foi-nos remetido de Coimbra um volume chrisnado com o titulo de *Folhetins*, de que é author o sr. A. Mattos Magalhães. Precede-o uma carta-prologo de *Armando do Valle*, pseudonymo que occulta um academico distincto, e uma apreciação do dr. Adolpho Ernesto Motta.

Julgamos cumprir uma obra de misericordia aconselhando o autor dos *soi-disant* folhetins que renuncie a escrever para o publico. Isto que lhe dizemos hoje rispivamente, talvez, dir-lh'o-ha mais tarde a sua propria experiencia.

E' vulgar falsearem-se as vocações na nossa terra em virtude da effervescencia endemica de escrever que accometteu n'estes ultimos annos a geração nova. Concorrem para o effeito a cumplicidade amavel dos amigos e o indifferentismo banal com que se faz a critica. E' por isso que se despenham, não raro, na obscuridade ingloria, se é que não caem no ridiculo chinfrinante, tantas intelligencias excellentemente dotadas e aptas para um sem numero de cousas uteis, embora tenham a mais completa negação para a unica a que aspiram.

Suppomos que é incomparavelmente melhor ser um bom chefe de repartição ou mesmo um bom amanuense, um militar brioso ou um engenheiro habil, do que um mau escriptor.

O sr. Mattos Magalhães comprehende de certo que fosse qual fosse a impressão que nos suggerio o seu livro, poderíamos limitarnos a duas phrases convencionaes, perfeitamente neutras em relação a applaudir ou criticar. Talvez mesmo lhe agradasse-mos mais. A verdade, porém, é que a missão da critica não consiste em lisongear os artistas mas unicamente em fazer respeitar a Arte. Poderíamos exemplificar o nosso juizo transcrevendo varios periodos, tal como aquelle em que analysando uma actriz o autor escreve que ella estava deslocada, como se a pobre rapariga em vez de declamar em um palco trabalhasse em um trapezio, poderíamos demonstrar-lhe em como o seu livro admitiria qualquer outro titulo que ao autor approvesse dar-lhe, excepto o *Folhetins*, e expor-lhe que não é licito hoje escrever palavras que não encerrem idéas e ser pueril e banal sob pretexto de distillar poesia em prosa reles.

Limitamo-nos, porém, muito lealmente e muito seriamente, a reiterar o conselho acima enunciado.

Ao sr. Armando do Valle pedimos que para a outra vez, antes de chamar á autoria Shakespearé, Lamartine e Byron, que o estimavel poeta conhece de certo excellentemente, não deixe s. ex.³ de reler previamente *Hamlet Jocelyn e Childe Harold*. Verá que não torna mais a sacrificar esses immortaes em holocausto aos seus amigos.

*

* *

Recebemos os fasciculos 18, 19 e 20 do *Diccionario Universal* portuguez por Francisco de Almeida, de que é proprietario e editor Henrique Zeferino de Albuquerque.

Os tres fasciculos distribuidos alcançam o vocabulo *apparente*, devendo publicar-se brevemente o 1.^o volume que pertence á letra A. E' este sem contestação o mais completo e desenvolvido diccionario que existe em lingua portugueza, para a demonstração cabal do que basta compulsar os fasciculos impressos.

O *Diccionario Universal* imprime-se com a maior regularidade, saindo em fasciculos mensaes e ás vezes quinzenaes.

Assigna-se para esta importante publicação na livraria Zeferino, rua dos fanqueiros 87. Preço de cada fasciculo 400 réis.

*

* *

Recebemos os seguintes livros e jornaes, que agradecemos:

O Canto do Cysne, poesia de Maria do Carmo Sene d'Andrade, (Provincia de S. Paulo).

Affronta e desaffronta, considerações e reflexões ao desabafo patriótico do ex.^{mo} sr. Dr. Francisco Ferraz de Macedo por Carvalho Junior.

O Camões, semanario popular illustrado, n.^o 29 e 30.

Moda Illustrada, n.^o 55.

Fallaremos mais de espaço ácerca d'estes e outros livros que temos em nosso poder.

ESCOLA CASTILHO

Recebemos e agradecemos dois cartões de convite para assistir á sessão solemne d'esta escola que deverá realizar-se no dia 3 de abril ás 12 horas do dia, n'uma das salas do Lyceu Nacional de Lisboa.

RUMORES DOS PALCOS

Teve lugar a *great attraction* n'esta estação theatral, a festa artistica d'esse extraordinario talento que se chama Borghi-Mamo. O espectáculo escolhido para essa noute, um verdadeiro collar de brilhantes sem preço, foi o seguinte:

1. ^o acto do <i>Poliuto</i> .	4. ^o acto do <i>Mephistopheles</i> .
2. ^o » do <i>Roberto</i> .	5. ^o » (<i>scena de prisão</i>)
3. ^o » do <i>Otello</i> .	6. ^o » <i>bailado</i> .

A mais alta, a mais illustre e a mais intelligente sociedade de Lisboa accumulava-se no vasto salão do theatro de S. Carlos, litteralmente cheio. A ovação que acolheu a grande prima *donna* á sua entrada em scena que a seguiu durante a prodigiosa execução de todos esses trechos de musica formosissimos, foi imponente e magestosa, rebentando no *Otello* n'uma explosão de bravos delirantes e chamadas successivas.

A insigne cantora recebeu, além de um sem numero de *bouquets* e *corbeilles*, medalhas e braceletes de oiro cravejados de perolas a brilhantes no valor de tres a quatro contos de réis, offerecidos pele sr.^{as} condessa d'Edla, duqueza de Palmella, Palha, el-rei D. Fernando, Vianna, etc.

ERRATAS

Chamamos a attenção dos leitores para os seguintes importantissimos erros de revisão que escaparam nos numeros 14 e 15, da nossa Revista. No artigo do grande escriptor, o sr. Camillo Castello Branco, que saiu a publico no n.^o 15.

Onde se lê «mysteriosamente» leia-se «hystericamente»;

Onde se lê «uma secreção, glandular» veja-se «uma secreção glandular»;

Onde se lê «ingersso» veja-se «ingresso»;

Onde se lê «grande Francisco Manuel do Nascimento» veja-se «padre Francisco Manuel do Nascimento»;

Onde se lê «Anthropogania» veja-se «Anthropogenia.»

Na *Chronica alegre*, do fasciculo 16.

Onde se lê «E as dos amadores da *Marselheza*?

«E a dos apaixonados da *Republica*?

«A qual dos generos pertencerão as dos promotores dos *meetings*?»

Veja-se: «A qual dos generos pertencerão as dos promotores dos *meetings*?

«E as dos amadores da *Marselheza*?

«E as dos apaixonados da *Republica*?»

Onde se lê «inclino-me que seja a terceira» veja-se «inclino-me que seja o terceiro.»

No artigo *Perfis contemporaneos* — HERMINIA BORGI-MAMO.

Onde se lê «da carreira gloriosa a grande *virtuosi*» veja-se «a carreira gloriosa da grande *virtuosi*»

No artigo *Modas*.

Onde se lê «É uma bella sala inundada de luz e povoada de duzentas senhoras, resplandcentes de formosura e de brilhantes. Representou-se a comedia» veja-se: «Em uma bella sala inundada de luz e povoada de duzentas senhoras, resplandcentes de formosura e de brilhantes, representou-se a comedia.»

No proximo numero o sr. Camillo Castello Branco responderá ás allusões da carta do sr. A. da Conceição,

CENTRO COMMERCIAL

A nossa estampa representa a *Chacara das memorias*, alcandorada, como uma bella aguia de plumas brancas, sobre a crista dos rochedos e abraçada por uma cadeia de fragas e despenhadeiros que se precipitam em declive rapido sobre as crystallinas aguas do Douro.

Poucos logares ha na cidade invicta tão romanescos, de um pitoresco capaz de despertar as lyras dos poetas e a palheta dos pintores, como esse reproduzido pela gravura, onde se acha ao presente estabelecida a importante fabrica de manipulação de luvas, pertencente ao *Centro Commercial*, de que é distincto proprietario o sr. Guelfe Freire.

No dorso das montanhas, nitidamente espelhadas na formosa gravura que offerecemos aos leitores das *Ribaltas*, em plena natureza campestre matizada de jardins rescendentes, por onde a vista se dilata avistando um panorama accidentado, alcatifado de arbus-tos viçosos e sombreado de arvores frondosas, n'esse delicioso sitio parece que expressamente creado para as scismas indolentes dos poetas, ou para os idyllios dos namorados, palpita uma enorme actividade industrial e as machinas arfam aceleradamente como co-ração de ferro e aço que se agitam ao sopro vivificador e ardente do trabalho.



Atravessando a grandiosa ponte do caminho de ferro, lançada a-travez das duas margens do Douro, depara-se-nos logo em frente a fachada do edificio, onde funcçiona a fabrica, um estabelecimento elegantissimo, hoje o mais importante n'este genero que existe no paiz.

As machinas, das mais modernas e aperfeiçoadas, produzem regularmente uma media de 300 pares de luvas diariamente, ou 9:000 pares por mez, excedendo o numero de pares de luvas que o Centro vende e exporta annualmente a cifra importantissima de 100:000.

O pessoal que emprega este estabelecimento de primeira ordem é superior a 150 pessoas, entre nacionaes e estrangeiros, não sendo elle, proporcional ás exigencias do expediente, que demandam a toda a hora muito mais empregados.

As luvas fabricadas pelo Centro tem hoje uma reputação entre a mais alta sociedade de Lisboa, distinguindo-se, não só pela elegancia do corte e finura da pellica, como pelo distinctivo do aroma oriental que as perfuma.

Este resultado deve-se á direcção esclarecida e á perseverança corajosa de um homem, que depois de ter formado as suas idéas no tirocinio de longas viagens, dotou o seu paiz com um estabelecimento digno em tudo de rivalisar com os mais afamados da Europa.

Este homem é o sr. Guelfe Freire.

Resta-nos dizer por ultimo que o *Centro Commercial* tem diferentes depositos e succursaes, sendo os principaes em Lisboa, rua do oiro, 120, 122, Porto e Brazil.

Frequenta esses estabelecimentos a mais escolhida sociedade, o chic do mundo feminino que encontra n'elles, graças ao bom gosto e esmerada educação do seu proprietario, a par dos objectos verdadeiramente tentadores e formosissimos, maneiras mais delicadas e attentiosas.

Não ha nenhum outro estabelecimento em Portugal que em tão curto espaço de tempo tenha attingido um tal grau de prosperidade.